



XX ENANCIB

21 a 25 Outubro/2019 – Florianópolis

A Ciência da Informação e a era da Ciência de Dados

ISSN 2177-3688

GT-3 – Mediação, Circulação e Apropriação da Informação

BIBLIOTECA UNIVERSITÁRIA E FORMAÇÃO CULTURAL

ACADEMIC LIBRARY AND CULTURAL FORMATION

Maria Rosa Carnicelli Kushnir – Universidade de São Paulo

Ivete Pieruccini – Universidade de São Paulo

Modalidade: Resumo Expandido

Resumo: Este trabalho trata da biblioteca universitária na Educação, refletindo e questionando sobre seu papel como organismo de formação cultural. A opção metodológica é a da pesquisa qualitativa, descritiva, fundamentada em pesquisa bibliográfica e documental, baseada em revisão de literatura integrativa. A biblioteca universitária é reflexo da instituição da qual faz parte, integrando políticas e culturas do universo acadêmico. Reconhecer e compreender o contexto dessa biblioteca é questão de base a possíveis transformações. Visando torná-la dispositivo essencial na Educação superior, não mera instância acessória, a pesquisa pretende estabelecer referenciais que articulem saberes especializados a compreensões sobre seus significados sociais.

Palavras-Chave: Bibliotecas Universitárias; Educação; Formação Cultural; Mediação Cultural

Abstract: This paper approaches academic library in Education, reflecting and questioning about its role as a cultural formation organism. The methodological option is qualitative, descriptive research, based on bibliographic and documentary research, founded on an integrative literature review. Academic library is a reflection of the institution of which it belongs, integrating policies and cultures of the academic universe. Recognizing and understanding the context of this library is the basis for possible transformations. Aiming to make it an essential device in higher education, not merely an accessory instance, the research intend to establish references that articulate specialized knowledge to understandings about its social meanings.

Keywords: Academic Libraries; Education; Cultural Formation; Cultural Mediation.

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho, fruto de pesquisa de mestrado em desenvolvimento, trata da questão da biblioteca universitária (BU) como instância de mediação cultural. Por estar integrada à universidade, a BU incorpora características da instituição a qual pertence, insere-se no circuito de produção intelectual, científica e cultural e transita pelas esferas do ensino, pesquisa e extensão.

Repercute na BU, entretanto, a dificuldade de apropriação dos bens simbólicos por parcela de seu público, que nem sempre está habituado com bibliotecas e, muitas vezes, apresenta dificuldades de leitura e pesquisa, o que levanta barreiras ao papel da BU como instância educativa, caráter essencial no processo de formação cultural.

Diante dessa defasagem, a busca de alternativas para diminuir hiatos impostos por políticas de bibliotecas descontínuas apresenta-se como caminho mais imediato, face o retorno positivo de algumas práticas que mobilizam interesse e envolvimento de estudantes. O desenvolvimento de ações próximas ao universo dos universitários mostra-se urgente, proveitoso e promissor para favorecer condições de trânsito autônomo por distintos contextos informacionais, aspecto com reflexos diretos sobre os rumos do projeto de conhecimento e participação do estudante na vida acadêmica. De fato, a diversidade de fatores em torno das relações entre a BU e seus públicos é questão que afeta seu papel efetivo na construção do diálogo com a comunidade estudantil e o conhecimento científico e sua participação afirmativa no universo acadêmico.

Com claras evidências, o papel das bibliotecas foi afetado pela ordem informacional que se impôs sobre a sociedade, sobretudo após os anos 1980/90. Em texto de 2005, Sally Burch questiona sobre as transformações causadas pelas novas tecnologias da informação e da comunicação (TIC), afirmando que “sociedade da informação” é conceito construído política e ideologicamente, propagado pela “globalização neoliberal”, que defende um mercado autorregulado, aumentando a separação entre ricos e pobres. Também apresenta o termo “sociedade do conhecimento” adotado pela Unesco, fruto de reflexões acerca de uma concepção integral, abrangendo “transformação social, cultural, econômica, política e institucional, assim como uma perspectiva mais pluralista e de desenvolvimento”. Esses termos contrapõem pontos de vistas: por um lado, a tecnologia é causa do desenvolvimento econômico, por outro, ela não é neutra.

A questão afeta os processos de relação dos sujeitos com a informação, a construção de

conhecimento e significação e atinge os papéis exercidos pela BU como mera provedora de recursos informacionais e disseminadora de informação científica. Considerado o papel das TIC nas dinâmicas dos fluxos informacionais, a BU poderá ser vista não como simples canal ou suporte de veiculação de conteúdos informacionais, mas instância capaz de contribuir nos processos de produção de significados, enquanto dispositivo de mediação cultural, lugar de construção de experiências significativas entre os sujeitos e o mundo dos signos.

Esta perspectiva implica reflexões acerca das concepções da BU e suas características, bem como questionamento criterioso sobre a BU em quadros educacionais problemáticos como os enfrentados no Brasil, na contemporaneidade.

Objetivo

Sistematizar referenciais que indiquem tendências que orientam o desenvolvimento de BUs, na contemporaneidade, tendo em vista seu papel como organismo de formação cultural.

2 DESENVOLVIMENTO

Cunha e Cavalcanti (2008, p. 53) definem BU como aquela “que é mantida por uma instituição de ensino superior e que atende às necessidades de informação dos corpos docente, discente e administrativo, tanto para apoiar as atividades de ensino, quanto de pesquisa e extensão”. Eles também trazem uma definição de BU estado-unidense, ou seja, uma instituição “criada, mantida e administrada por uma faculdade (*college*) para suprir as necessidades de informação dos professores e estudantes, bem como manter programas educacionais de pesquisa e extensão”. Note-se que nessa segunda definição não se faz menção ao atendimento das necessidades informacionais dos funcionários administrativos da universidade.

Reitz (2013) define a BU como parte integrante de qualquer tipo de instituição de ensino superior, devendo atender às necessidades de informação e pesquisa de seus alunos, professores e funcionários.

Para a *American Library Association* (2019), a BU é caracterizada como organismo que, em conjunto com outros membros de sua comunidade, participa, apoia e realiza a missão educacional das instituições das quais fazem parte. Para isso, devem “ensinar as principais competências de *information literacy*”, desenvolvendo “programas e serviços instrucionais”.

As definições de BU trazem diferentes concepções, incluindo objetivos, missão e público a ser atendido, aspectos relacionados com conceito de universidade. Apresentamos quatro modelos universitários a partir dos quais se depreende categorias de análise de paradigmas de

BU.

2.1 Modelo francês (ou napoleônico)

Em 1806, Napoleão decreta a criação da Universidade Imperial, instituição encarregada pelo ensino em todo império francês, em todos os níveis. Em decreto de 1808, propõe que as escolas tomarão por base os preceitos da religião católica, a fidelidade ao imperador e à monarquia imperial, deixando claro a função da educação: “formar, para o Estado, os cidadãos ligados à sua religião, a seu príncipe, ao seu país e sua família” (FRANÇA, 1808, p. 6).

Para Ferreira, o ideal napoleônico de universidade se constituiria como serviço público do Estado, além de se submeter ao poder e ter como função a preservação da ordem social. Este modelo de universidade tem como objetivo formação de profissionais para funções públicas, o que conferia ao ensino um “caráter essencialmente profissional” (FERREIRA, 2009, p. 101).

2.2 Modelo alemão

Humboldt imaginou uma universidade em que ensino e pesquisa se realizam tornando possível uma educação humanista completa dos estudantes. As ideias de liberdade de aprender, liberdade de ensinar, recolhimento e liberdade do pesquisador e do estudante foram postas em prática com a fundação da Universidade de Berlim.

Para Ferreira, Humboldt destacava o papel da pesquisa enquanto articuladora entre ensino e formação e, segundo a autora, “esse modelo priorizava a formação geral, científica e humanista mediante a totalidade e a universalidade do saber. Para tal, a universidade deveria ser autônoma, apesar da dependência econômica do Estado” (FERREIRA, 2009, p. 102-103).

2.3 Modelo inglês

Na Inglaterra, o ideal universitário “partia do princípio da formação não utilitária e da formação integral mediante um método de ensino praticamente individual que se desenvolvia pelo regime de internato, em pequenos colégios e no sistema tutorial” (FERREIRA, 2009, p. 104). Segundo a autora, em 1833, Oxford se destaca nas discussões religiosas. Surge o Movimento Oxford, do qual fazia parte John Henry Newman, cujo livro “*The idea of university*” (1852) torna-se referência para o debate sobre universidades. Sob tais ideais, no modelo adotado, “priorizou-se a formação do caráter e da personalidade” (FERREIRA, 2009, p. 104), assim a universidade seria “um *locus* do ensino e do saber universal, ou seja, de difusão e de extensão”.

2.4 Modelo estado-unidense

As primeiras instituições de ensino superior estado-unidense foram fundadas durante a colonização dos Estados Unidos por grupos religiosos nos séculos XVII e XVIII e incentivadas pela metrópole. Essas primeiras faculdades se espelhavam nas instituições inglesas, tinham base religiosa e eram direcionadas à formação do clero puritano.

Tendo como referência as instituições europeias e formando quadros administrativos para o Estado e para o clero, bem como atendendo interesses das elites locais, as instituições estado-unidenses eram mal vistas pela população de uma maneira geral, devido à mentalidade cultivada de que a América seria “*the land of opportunities*” e o seu povo “*self-made men*”¹ (FERREIRA, 2009, p. 109). Tais princípios tiveram desdobramentos e, segundo Ferreira (2009, p. 109), “mediante essa ideologia, vislumbrou-se a educação superior a partir de um caráter imediato e útil a toda a nação, relegando o chamado academicismo”.

Ainda no século XIX, o Morrill Act (conjunto de leis que concede terras públicas aos estados federados para construção de escolas superiores de agricultura, mecânica e militares) atendia a demanda de movimentos políticos que pediam a criação de faculdades de agricultura e artes mecânicas². Essas instituições ofereciam serviços para toda a população. Segundo Muscará,

a) os estudos científicos e liberais-clássicos foram substituídos por lições práticas e b) as instituições começaram a se preocupar em oferecer programas de estudos ligados às necessidades da comunidade. Desta forma, o estudo e o trabalho foram considerados como dois meios complementares na formação integral das pessoas. (MUSCARÁ, 2012, p. 16)

2.5 O conceito de formação cultural

A universidade brasileira originou-se e desenvolveu-se a partir do modelo francês (CUNHA, 2017; SEVERINO, 2012), de prática profissionalizante. Embora seja importante a

1 Ao expressar que “todos os homens são criados iguais” com direito a “vida, liberdade e a busca da felicidade”, a Declaração de Independência dos EUA (NATIONAL ARCHIVES, 1776) faz surgir ideais de democracia, direitos e igualdade. Prosperidade e sucesso alcançam-se pelo trabalho, do que nasce a concepção de que o país seria terra de oportunidades e “self-made man” é o que tem sucesso por seus méritos.

2 Para Verger (1999, p. 39) o conceito de artes mecânicas relaciona-se com um “saber-fazer” técnico, manual, até degradante e servil. Seu contraponto seria o conceito de artes liberais. No texto Information Literacy as a liberal art, Shapiro e Hughes (1996) trazem a ideia de information literacy como arte liberal, que permitiria aos sujeitos pensarem criticamente sobre a sociedade, assim liberal seria essencial para o futuro da democracia e para alcançarmos uma sociedade livre e humana, abolindo a desigualdade.

qualificação técnica, esse modelo pode levar ao reducionismo da educação universitária com vistas ao mercado de trabalho. Mesmo que se considere um modelo de universidade em que predomine a pesquisa, a imagem de um cientista recluso em seu laboratório parece ficção; nas palavras de Severino, “essa não é sua real condição. Ao contrário, tudo que se relaciona com a formação universitária tem a ver, e muito radicalmente, com o existir histórico das pessoas”. (SEVERINO, 2012, p. 25). Para o autor, além da qualificação profissional composta pelo “domínio das ferramentas investigativas”, é inerente ao ensino superior “o desenvolvimento da formação cultural das novas gerações, que possa situá-las no contexto mais amplo da vida social” (SEVERINO, 2012, p. 27).

A perspectiva de Severino está em consonância com o conceito de *Bildung*, trabalhado por Nicolau em tese de doutoramento. Ao apresentar o histórico do conceito surgido na Alemanha, Nicolau constata que a “complexidade do conceito de *Bildung* não deixa de expressar sua riqueza, na medida em que representa o próprio processo de formação humana. Pensar a *Bildung* significa refletir os diversos momentos que o homem experiencia na busca de ser mais” (NICOLAU, 2013, p. 36). Ainda para Nicolau, pode-se relacionar *Bildung* com a aspiração de uma vida melhor; nesse sentido o conceito tem dois aspectos: o do indivíduo que forma e desenvolve a si e a seu meio cultural, em um processo criativo por sua própria ação; e o do processo de alcançar a humanidade, por meio de “tornar-se o que se é” (NICOLAU, 2013, p. 36).

De novo podemos perceber a concordância das acepções de *Bildung* e formação cultural de Nicolau e Severino. Severino concebe a formação cultural “como a própria humanização do homem, a ser pensado como um ente que não nasce pronto, que tem necessidade de cuidar de si mesmo como que buscando um estágio de maior humanidade” (SEVERINO, 2012, p. 27).

Os modelos universitários apresentados refletem conjunturas de que são parte e decorrem dos debates sobre papel da universidade: ser de cunho profissionalizante (modelo francês), ter foco na pesquisa (modelo alemão), centrar-se no desenvolvimento do caráter dos sujeitos (modelo inglês), ou atender às necessidades da sociedade com uma formação utilitária (modelo americano)? Essas discussões englobam aspectos como: ensino superior de massa, exigências do mercado e se as universidades devem estar a serviço do Estado.

Com base nesse quadro, o papel da BU como articuladora entre sujeitos, universo informacional e processos e experiências que permitam sua transformação em conhecimento relaciona-se com formação cultural de cidadãos autônomos. Discutir a BU no bojo de tais modelos é essencial para compreender parâmetros e suas distinções. Considerando-se que a

análise de paradigmas de BU estará implicada nos respectivos contextos em que se insere, existiriam diferentes conceitos de BU quantos forem os conceitos de universidade.

3 METODOLOGIA

A opção metodológica adotada é a da pesquisa qualitativa, descritiva, com base em pesquisa bibliográfica e documental, para identificar contextos que envolvem universidades, BUs e suas trajetórias históricas. A pesquisa bibliográfica e documental identificará referenciais que permitam refletir sobre o objeto da pesquisa. As indagações em causa no estudo serão pautadas em desafios e problemáticas pelos quais essas instituições têm passado, considerando-se processos que viabilizem a transposição da BU como disseminadora de informação científica para instância produtora de significados e de construção de vínculos entre os estudantes e o patrimônio informacional científico. Assim, a base metodológica será a revisão de literatura integrativa (MENDES; SILVEIRA; GALVÃO, 2008), ou seja, uma revisão planejada com métodos sistemáticos para analisar tendências, identificar, selecionar e avaliar estudos, como revisões teóricas, relatórios, dentre outros, permitindo abarcar diferentes tipos de fontes a serem consideradas no estudo, sejam elas teóricas, quantitativas e qualitativas.

4 CONSIDERAÇÕES

A privação de bibliotecas na vida discente produz estudantes universitários não-iniciados nas lógicas e linguagens dos ambientes informacionais universitários, que compromete a relação de processos de diálogo com a produção de conhecimento científico. Esses contextos socioculturais e educacionais complexos e diversos sinalizam dificuldades e fragilidades nas relações entre sujeitos e bibliotecas, que remetem a concepções de BUs, seus modos de funcionamento, finalidades e práticas culturais. Parece claro que a falta de experiências culturais diversificadas, próprias às vividas em bibliotecas públicas, e aprendizagens pertinentes aos objetivos das chamadas bibliotecas escolares, traz consigo entraves à apropriação das BUs como bens culturais.

O terreno concreto a ser enfrentado pela BU é, portanto, bastante complexo e nem sempre está contemplado nos parâmetros abrangentes dos cânones da área da Biblioteconomia, ou por seus organismos coligados, apesar dos esforços em estabelecer orientações nessa esfera de atuação institucional. A BU está, assim, pressionada por diferentes fatores, seja no âmbito das carências que marcam as relações entre biblioteca e sociedade no

país, seja em razão da nova ordem informacional contemporânea que vem determinando o valor e o caráter da informação, ambos aspectos que afetam o contexto acadêmico, em nosso país.

Como organismo inscrito em instituição de ensino superior, a BU é não somente ambiente de informação, como também equipamento educativo, instância de mediação cultural do patrimônio informacional científico, cuja essencialidade implica sujeitos e processos de criação de sentidos às dinâmicas de construção do conhecimento. Num país em que a relação dos sujeitos com o patrimônio simbólico é frágil, tem que se ter claro que existe uma situação real e concreta de descontextualização informacional, que reflete em nós da mesma maneira, ou seja, produz pensamento fragmentário, alterando também a ordem do pensar e do significar.

Nesse sentido, é suposto que a BU tenha papel afirmativo na formação de sujeitos que articulem saberes especializados a compreensões sobre seus significados sociais, atuando nas relações entre sujeitos e patrimônio informacional, como ambiente que favorece o diálogo, a construção de experiências significativas com a informação, estabelecendo condições de vínculos com o universo dos signos. A formação cultural daí resultante, entretanto, implicará concepções e metodologias ao enfrentamento da problemática que afeta a educação superior.

REFERÊNCIAS

AMERICAN LIBRARY ASSOCIATION. **Definition of a Library**: general definition: academic libraries. Disponível em: <https://tinyurl.com/y5sdtgdt>. Acesso em: 05 jun. 2019

BURCH, S. **Sociedade da informação/ Sociedade do conhecimento**. Disponível em: <https://tinyurl.com/y5qjaq5a>. Acesso em: 25 maio 2019.

CUNHA, L. A. **A educação brasileira na primeira onda laica**: do império à república. Rio de Janeiro: Edição do Autor, 2017.

CUNHA, M. B.; CAVALCANTI, C. R. O. **Dicionário de biblioteconomia e arquivologia**. Brasília: Briquet de Lemos, 2008.

FERREIRA, S. **A universidade do século XXI**: concepções, finalidades e contradições. 2009. 305 f. Tese (Doutorado) - Faculdade de Educação, Universidade Federal de Goiás, Goiania, 2009.

FRANÇA. **Décret portant organisation de l'Université**. Tuileries, 1808. Disponível em: <https://tinyurl.com/y3wwxbqt>. Acesso em: 05 maio 2019.

MENDES, K. Dal S.; SILVEIRA, R. C. C. P.; GALVAO, C. M. Revisão integrativa: método de

pesquisa para a incorporação de evidências na saúde e na enfermagem. **Texto contexto:** Enfermagem, Florianópolis, v. 17, n. 4, p. 758-764, 2008. Disponível em: <https://tinyurl.com/y4zvzglb>. Acesso em: 05 jun. 2019.

MUSCARÁ, F. Sobre la natureza de los estudios universitarios. **Revista Histedbr On-line**, Campinas, n. 45, p.3-23, mar. 2012. Disponível em: <https://tinyurl.com/y2j2mzas>. Acesso em: 5 jun. 2019.

NATIONAL ARCHIVES. **Declaration of independence:** a transcription. s. l., 1776. Disponível em: <https://tinyurl.com/h2zqchv>. Acesso em: 10 ago. 2019.

NICOLAU, M. F. A. **O conceito de formação cultural (Bildung) em Hegel**. 2013. 203 f. Tese (Doutorado) - Faculdade de Educação, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2013. Disponível em: <https://tinyurl.com/y4qv5fvl>. Acesso em: 05 jun. 2019.

REITZ, J. M. **ODLIS:** Online Dictionary for Library and Information Science. Danbury: Abc-clio, 2013. Disponível em: <https://tinyurl.com/y6qs8qy6>. Acesso em: 05 jun. 2019.

SHAPIRO, Jeremy J.; HUGHES, Shelley K. Information Literacy as a liberal art: Enlightenment proposals for a new curriculum. **Educom Review**, v. 31, n. 2, mar./abr. 1996.

SEVERINO, A. J. Integrar cultura e humanismo: desafio pedagógico da Filosofia no Ensino Superior. **Educar em Revista**, Curitiba, n. 46, p. 21-35, 2012. Disponível em: <https://tinyurl.com/yxs83bor>. Acesso em: 06 maio 2019.

VERGER, J. **Homens e saber na Idade Média**. São Paulo: EDUSC, 1999.